

PECULIARIDADES DO USO DE “VOCÊ” E “O SENHOR/A SENHORA” NO LINGUAJAR MILITAR BRASILEIRO

CÉLIA REGINA ROGRIGUES GUSMÃO¹

RESUMO

Este estudo tem por finalidade analisar as diferenças entre o uso do pronome de tratamento você e da forma de tratamento senhor/senhora no Português Brasileiro, em contexto civil e em contexto militar. Também objetiva pesquisar a ocorrência, ou não, de estranhamento devido ao emprego específico das formas de tratamento entre militares e descrever peculiaridades desse contexto. Para tanto, foi utilizado um questionário virtual composto de 8 perguntas, respondidas por 210 participantes, todos militares, homens e mulheres, oriundos de diferentes regiões do Brasil, pertencentes, predominantemente, ao Exército Brasileiro.

PalavrasChaves: Pronome de tratamento. Forma de tratamento. Contexto militar. Peculiaridades.

RESUMEN

Este estudio se refiere al análisis de las diferencias entre el uso del pronombre de tratamiento você y de la forma de tratamiento señor/señora en el Portugués Brasileño, en contexto civil y en contexto militar. Además, también objetiva investigar la ocurrencia, o no, de extrañamiento debido al empleo específico de las formas de tratamiento entre militares y describir peculiaridades de ese contexto. Para ello, se ha utilizado una encuesta virtual compuesta de 8 preguntas, contestadas por 210 participantes, todos militares, hombres y mujeres, oriundos de distintas regiones de Brasil, pertenecientes, predominantemente, al Ejército Brasileño.

Palabras-Clave: Pronombre de tratamiento. Forma de tratamiento. Contexto militar. Peculiaridades.

1. Mestre Em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professora e coordenadora do 9º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Militar de Curitiba. E-mail: celiarep@gmail.com

INTRODUÇÃO

No contexto civil, "Senhora está no céu!" ou "Não me chame de senhora!" são enunciados comuns, usados por mulheres para diminuir a formalidade em relação a seu/sua interlocutor (a). Nós, brasileiros, fazemos parte de uma cultura na qual, muitas vezes, dirigir-nos a uma mulher chamando-a pela forma de tratamento senhora causa notável incômodo, pois esse uso pode denotar idade avançada e não somente tratamento respeitoso.

Por outro lado, na nossa sociedade, o uso de você é bastante estendido. No contexto íntimo e familiar, em vários locais do Brasil, por exemplo, as crianças já não são mais ensinadas a chamar seus pais e cuidadores por senhor (a), algo frequente há algumas décadas. No contexto escolar, também nas salas de aula de diversos colégios e faculdades, você é o tratamento frequente entre alunos e professores. Sobre essa peculiaridade, inexistente nos tempos de estudante de Ataliba T. de Castilho, o renomado professor comenta: "Tenho 78 anos e devia ser tratado por senhor, mas meus alunos mais jovens me tratam por você".

E no contexto militar, como ocorre esse uso? Nos quartéis e estabelecimentos militares de ensino, o uso das formas de tratamento tem peculiaridades ou causa algum estranhamento? Essas são as questões que deram origem a este artigo, cujo objetivo é comentar o emprego do pronome de tratamento você e da forma de tratamento senhor/senhora no Português Brasileiro, doravante PB, em contexto militar. Para a pesquisa, foram coletados dados com 210 militares, falantes nativos de PB, que responderam a um questionário sobre o tema no mês de julho de 2017.

A fim de entender as possibilidades de uso das formas de tratamento em questão, detalharemos a seguir a descrição feita pelos principais gramáticos brasileiros a respeito do tema. Em seguida, descreveremos como militares usam essas formas e concluiremos sobre as principais diferenças entre o uso do pronome pessoal você e da forma de tratamento senhor/senhora em contexto civil e militar, mais especificamente no contexto dos quartéis e unidades militares do Exército Brasileiro.

1 FORMAS DE TRATAMENTO DO PB

Como os gramáticos nomeiam e especificam os usos das formas de tratamento no Brasil? A seguir, veremos as nomenclaturas presentes nas principais gramáticas tradicionais e nas gramáticas descritivas do PB.

Azeredo (2008, p. 264) define **formas de tratamento** como aquelas usadas com função vocativa, isto é, na referência direta com o interlocutor, de acordo com a imagem da relação social ou afetiva ocorrida no momento da interação. Assim, selecionamos algumas das descrições feitas pelo autor, pertinentes a este estudo. Incluem-se nesse rol as formas: (a) **protocolares ou ritualizadas**, tais como: *prezado (s), senhor (es) e senhor (as)*; (b) **identificadoras do perfil social do interlocutor**, individualizando-o, tais como: *doutor, colega*; (c) **protocolares não ritualizadas** empregadas por oradores, cantores e outros profissionais que se dirigem a um grande público, tais como: *pessoal, gente, galera*; (d) **pronominal* empregada na interlocução coloquial** -na maior parte do território brasileiro: *você(s)*.

Bechara (2006, p. 165) classifica como **formas substantivas ou pronominais de tratamento** indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa: *você* para o tratamento familiar e *senhor (a)* para o tratamento cerimonioso.

Cunha e Cintra (2008, p. 307) afirmam que o *senhor, a senhora* são **formas de respeito ou de cortesia** que se opõem a *você* ou a *tu* (em algumas partes do Brasil). Os autores descrevem o uso feito em Portugal, onde se costuma acompanhá-las dos nomes de cargos e títulos profissionais, por exemplo, “o senhor doutor”, ou “o senhor presidente”. Não há descrição sobre o uso específico dessa forma no Brasil. Já em relação a *você*, os gramáticos afirmam que se emprega no campo íntimo, “como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior” (Id., p. 306) tanto em relação à idade, quanto em relação à classe social, ou à hierarquia.

Cegalla (2008, p. 181) inclui as formas de tratamento no rol de pronomes de tratamento, aqueles usados no trato com as pessoas, e comenta que esse uso pode ser familiar ou cerimonioso de acordo com: a pessoa a quem nos dirigimos; o cargo; o título; a idade e a dignidade. Assim, segundo o autor, *você* é próprio do tratamento familiar e íntimo ou informal e o *senhor, a senhora* é tratamento respeitoso.

Neves (2000, p. 458), em sua gramática funcionalista, observa que a forma *você (s)* se refere à 2ª pessoa, no entanto, é usada com verbos na 3ª pessoa e assim também ocorre com *senhor (a)*. A autora também diz que *você* é mais difundido que *tu* para referir-se ao interlocutor e que há mistura de formas de 2ª com 3ª pessoa, principalmente no discurso falado: “A única coisa que TE peço é que não vá magoá-la; VOCÊ é o seu primeiro entusiasmo [...]”

Faraco (1996) nos remete ao passado para comentar as mudanças no emprego das formas de tratamento até o surgimento de *você*. Segundo o autor, nos séculos XIV e XV, Portugal desenvolveu-se e a burguesia aumentou seu poder econômico, conseqüentemente, o poder do rei também cresceu. Assim, a forma tradicional de tratamento *vós* não tinha a formalidade que o status do rei requeria. Por essa razão, novas formas de tratamento foram

criadas para mostrar claramente sua função, tais como: *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza* e *Vossa Excelência*.

Ainda sobre a 2ª pessoa do singular, A. Castilho (2012, p. 479) afirma que o pronome pessoal tu tem sido substituído por você, forma decorrente da alteração de *Vossa Mercê*. Sobre essa alteração pragmática, o autor comenta:

Vossa Mercê era um tratamento dispensado aos reis. Com o desenvolvimento da burguesia, os novos-ricos quiseram esse tratamento para eles também. Indignado, o rei passou a reclamar Vossa Majestade para ele, lembrando decerto aos burgueses que uma força tinha sido erigida defronte do paço, caso eles resolvessem repetir a gracinha. De todo modo, Vossa Mercê e derivados eram um tratamento cerimonioso, dado pelos "de baixo" aos "de cima". Veja como é a roda da fortuna: pois não é que o derivado você passou a ser no PB um tratamento de igual para igual? Para o tratamento cerimonioso inventou-se o senhor. Em regiões brasileiras em que o tratamento tu continua vigente, o uso de você traz de volta o antigo distanciamento. E onde o tu bateu com as botas, ele e seus derivados ressuscitam quando se quer afetar distanciamento, como nesta bronca familiar: Olhe aí o que teu filho aprontou! Eu te falei para vigiar esse menino! (CASTILHO, 2012, p. 479).

Silva (2010), em sua pesquisa sobre a complexidade do uso desses pronomes e formas de tratamento, chegou à conclusão de que vários fatores socioculturais interferem na escolha de "você" ou de "senhor(a)". Segundo a autora, você está diretamente ligado à intimidade, à familiaridade, às amizades, à jovialidade e à informalidade, já o uso de o senhor/a senhora é favorecido por considerável distância etária entre os falantes, principalmente quando eles não se conhecem, mesmo não havendo distanciamento hierárquico ou informalidade, conforme se lê a seguir:

[Você] Pode ser também utilizado, mesmo que não haja distância etária entre os interactantes, em situações onde haja uma hierarquia marcada e como tratamento destinado a pessoas desconhecidas que exerçam o papel de uma autoridade ou pessoas conhecidas, mesmo que íntimas, que estejam exercendo o papel de uma autoridade. (SILVA, 2010, p. 155).

Assim, essa última descrição, inexistente nas gramáticas tradicionais, descritivas e funcionais, está totalmente de acordo com o que ocorre no meio militar, de acordo com o que veremos a seguir.

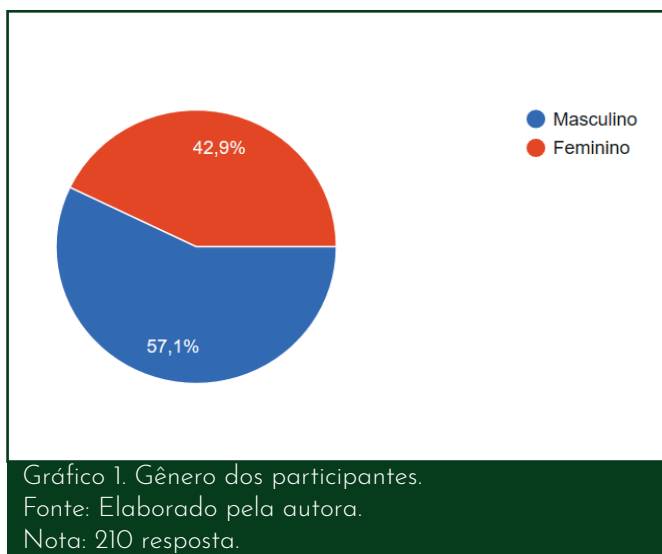
No contexto militar, segundo o "Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito

e Cerimonial Militar das Forças Armadas”, Portaria Normativa N° 660/MD, de 19 de maio de 2009, de acordo com o Art. 8º, para falar a um superior hierárquico, o (a) militar emprega sempre o tratamento *Senhor* ou *Senhora*, já no mesmo posto ou graduação, poderá ser empregado o tratamento *você*. Da mesma forma, o Art. 9º prevê que, para falar a um mais moderno, o superior emprega o tratamento *você*.

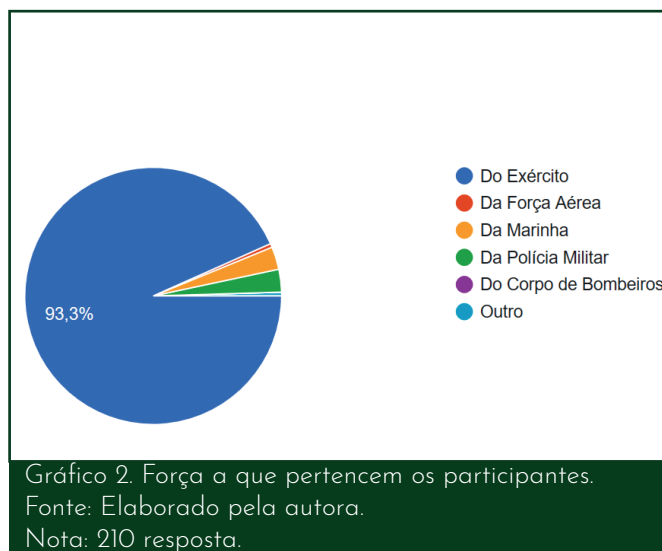
Logo, teoricamente, as possibilidades de uso se reduzem, o que facilita bastante a interação, pois todo subordinado refere-se a um superior hierárquico como *senhor* ou *senhora* e todo superior hierárquico refere-se ao subordinado e aos pares como *você*. Essas formas de tratamento próprias do meio militar independem da idade, pois não estão direcionadas à pessoa, mas à função ou ao posto ou à graduação ocupado (a) por uma pessoa. No entanto, quando um superior hierárquico chama um subordinado de *você* e esse subordinado tem muito mais idade que o superior, a diferença etária causa estranhamento? Quando, por exemplo, um Tenente chama um Sargento que tem idade para ser seu pai de *você*, será que esse tratamento é usado sem nenhuma estranheza? Ou, quando uma tenente de idade igual ou maior que a de uma capitã (o) a chama de *senhora*, será que esse tratamento sai naturalmente? Essas são algumas das questões que este artigo pretende responder.

Para analisar como militares usam essas formas de tratamento e se essa peculiaridade do meio militar causa algum estranhamento, foi feito um questionário via formulário do *google docs*, contendo 8 perguntas a respeito do tema, respondidas apenas por militares brasileiros, oriundos de diferentes regiões do país, no mês de julho de 2017.

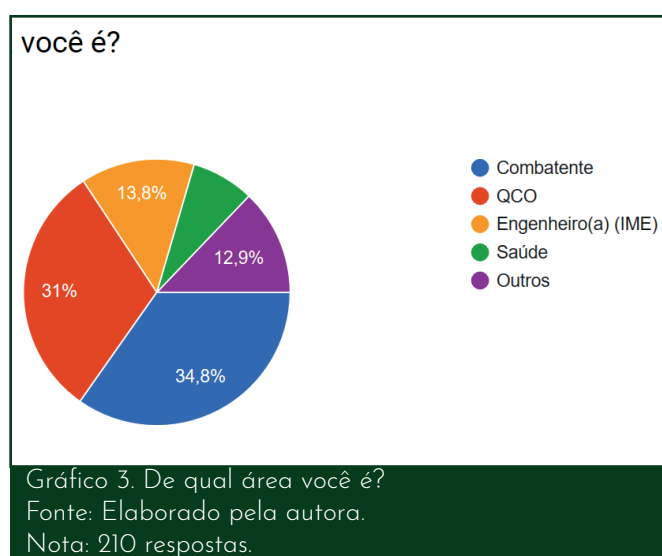
A primeira pergunta consistiu em identificar a qual segmento ou gênero o (a) militar respondente pertencia. Dos 210 participantes, predominou a participação masculina, conforme gráfico a seguir.



A segunda pergunta consistiu em identificar a qual Força Armada o respondente pertencia, configurando-se a participação da seguinte forma: 196 participantes do Exército Brasileiro; 6 da Marinha; 6 da Polícia Militar; 1 da Força Aérea e 1 da Guarda Municipal da cidade de Tubarão, em Santa Catarina. Conforme se pode ler no gráfico, a participação maior ocorreu por parte de militares do Exército Brasileiro, totalizando 93,3%.



A terceira pergunta objetivou definir a área de trabalho do (a) militar participante. O número maior de participantes foi de combatentes, ou seja, aqueles que pertencem às diversas Armas, Quadro e Serviço: Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Comunicações, Intendência, Material Bélico. No total, houve 73 participantes combatentes; 65 oficiais do Quadro Complementar de Oficiais (QCO); 29 engenheiros militares; 16 do Serviço de Saúde e 27 de outras áreas, conforme se vê no gráfico a seguir.



A quarta pergunta pretendeu identificar quanto tempo de serviço o respondente tinha. Conforme se analisa no gráfico, a maioria dos participantes tem mais de 7 anos de serviço. O segundo grupo mais expressivo refere-se aos militares com o tempo de serviço entre dois e seis anos. E uma minoria é de recém ingressados na vida militar.

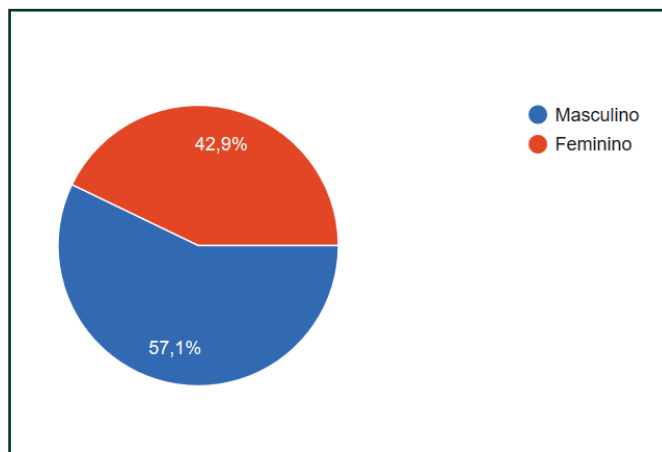


Gráfico 4. Quantos anos de serviço você tem?

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota: 210 respostas.

Assim, a pesquisa teve participação predominante de: (1) militares do sexo masculino; (2) integrantes do Exército Brasileiro; (3) combatentes e (4) com mais de 7 ano de serviço. Após essa caracterização do público participante, foram feitas 4 perguntas sobre o estranhamento causado pelo uso das formas de tratamento no contexto militar.

A quinta pergunta referiu-se ao estranhamento com o uso da forma de tratamento "você" ao falar com um militar mais moderno, mesmo ele tendo muito mais idade. No linguajar militar, o termo moderno refere-se àquele que ingressou por último e tem menos tempo de serviço, ou àquele que ocupa um posto ou graduação mais abaixo na hierarquia. Assim, o objetivo dessa pergunta era saber se, por exemplo, um militar jovem, superior hierárquico de um militar experiente e com bem mais idade, estranha ter que chamá-lo de senhor. Percebemos que um número bem expressivo de participantes achou esse uso estranho, conforme se lê no gráfico.

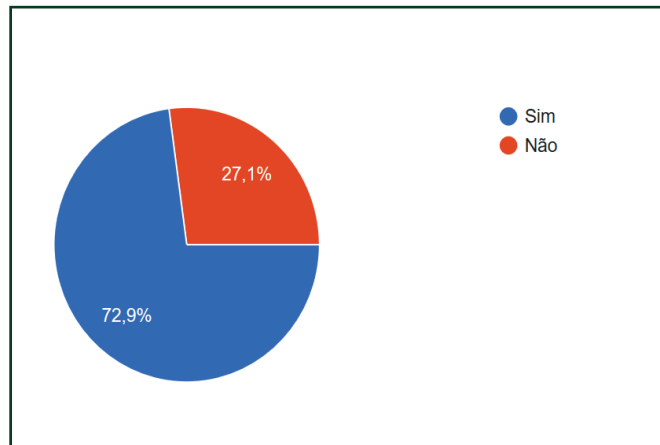


Gráfico 5. Você já estranhou ter que usar a forma de tratamento 'você' ao falar com um militar mais moderno, mesmo ele (a) tendo (muito) mais idade que você?
Fonte: Elaborado pela autora.
Nota: 210 respostas.

A sexta pergunta objetivou saber se há estranhamento quando é usada a forma de tratamento "o senhor/a senhora" entre falantes de mesma idade. Conforme se pode analisar no gráfico, 60,5% dos participantes afirmaram estranhar esse uso formal no Português Brasileiro.

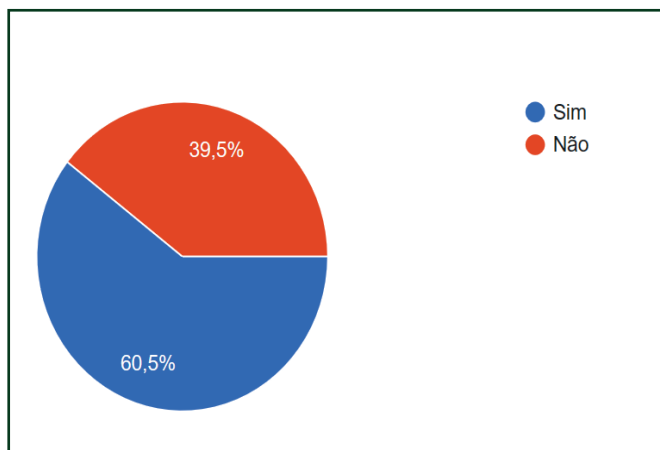


Gráfico 6. Você já estranhou ser chamado (a) de "senhor (a)" por alguém da mesma idade que você?
Fonte: Elaborado pela autora.
Nota: 210 respostas

A sétima pergunta pretendeu averiguar o estranhamento com situações como as que ocorrem em uma conversa na qual um superior hierárquico jovem é tratado como "senhor (a)" por um militar mais moderno que ele e de meia idade ou mais. Podemos observar que 67,6% dos participantes também estranharam esse uso peculiar.

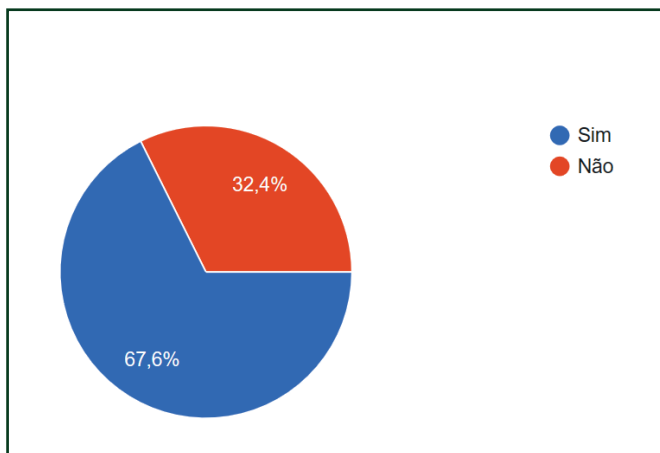


Gráfico 7. Você já estranhou ser chamado (a) de "senhor (a)" por alguém com mais idade que você?
 Fonte: Elaborado pela pesquisadora.
 Nota: 210 respostas.

Por fim, a última pergunta, reproduzida a seguir: "Você já passou por alguma situação engraçada/inusitada/constrangedora por confundir as formas de tratamento no meio militar? Ex: chamar um superior hierárquico de você, ou chamar um militar mais moderno de senhor- teve por finalidade coletar dados e detalhes sobre as situações que provocaram estranheza respondidas nas 7 questões que permearam o questionário.

Entre as 210 respostas obtidas, destacaremos, na tabela a seguir, 20 delas, avaliadas como mais oportunas a este estudo.

Descrição da situação inusitada em contexto militar (transcrição da resposta tal como foi redigida pelo participante)	
1	"Já chamei superior de "você", mas não fui repreendida. Acho importante essa forma de tratamento militar, já que a função está relacionada com a patente e não com a idade ou tempo de serviço. No início é estranho, mas depois acostumamos e vemos a importância."
2	"Trocar você por senhor. Principalmente com o sgt antigo que tem a idade para ser meu pai."
3	"Já aconteceu, mas somente nos primeiros anos de caserna, o que não é nada demais. Basta se acostumar com o que é previsto."
4	"Sim, muitas vezes. Sem contar quando o militar é promovido... eu continuo chamando ele pelo posto anterior por um bom tempo... kk"
5	"Meu estranhamento se dá ao ter que chamar de "você" um militar mais moderno, porém idoso, estando ele no ambiente militar. Sinceramente não consigo fazer isso, por ser uma pessoa idosa, parece-me falta de respeito não usar uma formalidade no tratamento."

6	"Ultimamente tenho chamado todas as pessoas de sr e sra. E trato até sd assim. Por que criei o hábito. Mas no meio Civil as pessoas me chamam de formal."
7	"Sim! Por questões de idade... um ST mais Velho ou um OF Superior mais novo."
8	"Sim. Servi com um ST de aproximadamente 60 anos de idade (era PTTC). Eu tinha, à época, 27 anos. Eu chamava o ST de senhor. Ele idem ao se dirigir a mim. Compreendo perfeitamente bem a carga do pronome de tratamento no meio militar. Mas não pude me furtar a tratar por senhor um militar muito mais velho."
9	"Sim. Já chamei militar mais moderno de senhor, por ser mais velho do que eu."
10	"Durante o curso de formação, só chamava o ST que nos ajuda de sr. Não conseguia chamar de você."
11	"Já chamei um militar mais moderno de senhor devido sua idade. Por outro lado, já me senti estranho por ser chamado de senhor por uma pessoa bem mais velha que eu."
12	"Na minha criação, meus pais ensinaram a chamar pessoas mais velhas que eu de senhor(a). Então, já aconteceu (mais de uma vez) de utilizar o pronome "senhor" para chamar um militar mais moderno, porém com mais idade."
13	"Sempre me senti desconfortável em chamar os QAO de "você"."
14	"Na minha OM, há um QAO com o dobro da minha idade. Mesmo sendo mais moderno que eu, não consigo chamá-lo de "você"."
15	"Sim, EU era recém promovido terceiro sargento e estava em uma festa e presente nessa festa estavam 3 soldados que conversavam comigo, chamando de senhor. Uma pessoa observou a conversa e disse. "Nossa!!! vc não parece tão mais velho q eles para eles te chamarem de SENHOR.""

Quadro 1 - Descrição de situações peculiares no emprego de formas de tratamento

Fonte: Elaborada pela autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise das respostas, é possível chegar à conclusão de que:

- a o uso peculiar das formas de tratamento, em contexto militar, causa estranhamento maior quando o (a) falante ingressa na carreira militar, pois foram citadas expressões temporais como “no início”, “nos primeiros anos de caserna”, “no início da carreira”, “durante o curso de formação”, “com o passar dos anos”, conforme (cf.) situações 1, 3, 10, 16 e 18;
- b o uso da forma de tratamento *ocê* para referência a um militar, tanto com mais idade, quanto com mais tempo de experiência profissional, soa estranho. Para alguns, o estranhamento persiste, mesmo após adaptação à vida militar, cf.1, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 14 e 17
- c o uso da forma de tratamento *senhor*, feito por um militar com mais idade quando se refere a um militar mais jovem, soa estranho por parte do ouvinte, nos anos iniciais da vida militar.

Também parece haver uma questão, que carece de pesquisas para ser confirmada, relacionada a gênero no uso das formas de tratamento em contexto militar, pois, conforme as citações analisadas anteriormente, algumas integrantes do segmento feminino relataram achar estranho serem chamadas de *senhora* por alguém, independente do gênero do falante, com mais idade, ou idade igual. Também relataram ter dificuldades de referir-se a um militar QAO e tratá-lo como “*ocê*”:

Para entender a questão, é necessário compreender a sigla QAO, referente ao Quadro Auxiliar de Oficiais, do qual fazem parte os militares que atingem o oficialato após extensa carreira, pois iniciam a vida militar como sargento (graduado) e podem ser promovidos até o posto de capitão (oficial). Devido ao tempo dos interstícios e promoções, esse militar costuma chegar ao oficialato com quase 30 anos de serviço.

Assim, a situação descrita, cf. 13, 14 e 17, demonstra que a educação trazida de casa, isto é, do meio civil, interfere no estranhamento causado pelo uso de “*ocê*” e “*senhor*” em meio militar. Por outra parte, outra interferência do meio civil diz respeito ao uso de *senhora*, no contexto militar, no trato com a superiora hierárquica independentemente da idade do interlocutor. Em um país onde não raro se ouve “a *senhora* está no céu”, é de se supor que esse tratamento cause estranheza, conforme foi visto anteriormente.

Outro fator que importa ressaltar referente ao uso das formas de tratamento entre militares é que, independentemente do lugar, isto é, dentro ou fora do quartel, o uso é mantido, cf. 15 e 19. Assim, soa estranho, a quem é civil, ouvir uma pessoa mais jovem chamando de "senhor" seu interlocutor, por ser ele seu superior hierárquico, quando tem a mesma idade ou é mais jovem que o falante.

Outra observação que causa estranheza é a de uso da forma de tratamento "senhores" no trato com pessoas mais jovens e mais modernas, cf. 20, como trato de distanciamento. Parece que o excesso de informalidade, comum em diversos setores da nossa sociedade, faz com que esse uso soe estranho e pouco comum.

Embora não tenha sido alvo desta pesquisa, cabe mencionar uma questão suscitada pelo questionário aplicado durante este estudo. Destacaremos a fala da militar a seguir, cf. 18: "Hoje fico irritada quando um colega mais moderno passa por mim e não realiza a continência". Essa ocorrência que incomoda à participante refere-se a um militar (sexo masculino) que, ao passar por uma militar (sexo feminino) superior a ele na hierarquia militar, não lhe presta a continência prevista pelo Regulamento, algo que suscita as seguintes perguntas: o que motiva esse tipo de situação?; quando o superior hierárquico é um homem, isso ocorre? será que essa questão relacionada ao gênero é isolada ou frequente?; ocorrerá também nas demais Forças ou apenas no EB? Essas são algumas questões possíveis de investigação e análise.

Outrossim, é possível afirmar sobre a situação anteriormente descrita que o militar em questão não observa um aspecto da continência: a impessoalidade. Esse cumprimento em forma de gesto visa à autoridade ocupada pela pessoa e não à pessoa propriamente dita. Assim, sujeitos como ele deverão adaptar-se aos novos tempos, pois, além das militares que já são integrantes das Forças Armadas, também estão em formação na Academia Militar das Agulhas Negras as primeiras oficiais combatentes do Exército Brasileiro.

Por fim, podemos concluir que o uso de pronomes e formas de tratamento abordados tem peculiaridades próprias do contexto militar, características essas não descritas em nenhuma gramática da língua portuguesa. A seguir, elaboramos um quadro com o resumo das principais formas de tratamento usadas no contexto militar do EB.

Forma de tratamento vocativas em contexto militar	Uso	Tipo de tratamento
• você	Entre pares (mesmo posto ou graduação), independente da diferença de idade	Igualitário
• você	De superior hierárquico para subordinado, independente da diferença de idade	Distanciamento hierárquico
• senhor/senhora	De subordinado para superior hierárquico, inclusive generais (nas relações correntes de serviço). De aluno (a) para professor (a) em estabelecimentos de ensino militar e Colégios Militares do Sistema Colégio Militar do Brasil.	Respeitoso
• Senhores(as)	De superior hierárquico para subordinados. Muito usado por instrutores, quando se referem diretamente a seus instruídos/alunos.	Distanciamento hierárquico
• Vossa Excelência • Senhor General	De subordinado para General em situações onde a formalidade é requerida.	Respeitoso/ cerimonioso e formal
• Senhor Comandante, Senhor Diretor ou Senhor Chefe	De subordinado para Comandante, Diretor ou Chefe de Organização Militar	Respeitoso/ cerimonioso e formal
• Comandante, Diretor ou Chefe	De subordinado para Comandante, Diretor ou Chefe de Organização Militar	Respeitoso/ de uso corrente

Quadro 2 - Formas de tratamento mais usadas como vocativo no contexto militar.

Fonte: Elaborada pela autora

Como citar este artigo: GUSMÃO, Célia Regina Rodrigues. Peculiaridades do uso de "você" e "o senhor/a senhora" no linguajar militar brasileiro. **Rev. Silva**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 56-70, jan.-jun. 2019.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Nacional, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. In: **Fragmenta**, n. 13. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba: Editora da UFPR, 1996, p. 51-82.

FIORAVANTI, Carlos. **Ora pois, uma língua bem brasileira**. 2015. Disponível em: revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/ Acesso em: 26 Abr. 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SILVA, Vanessa Freitas da. O senhor/a senhora ou você?: a complexidade do sistema de tratamento no português do Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0812861_10_Indice.html Acesso em: 26 Abr. 2018.